

VIVENCIANDO NOVAS TRILHAS DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: ATIVIDADE DE CAMPO EM XIQUE-XIQUE, BAHIA¹

Jacy Bandeira Almeida Nunes*

Miriam Geonisse de Miranda Guerra**

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma atividade de campo realizada em Xique-Xique, Bahia, com alunos do curso de Geografia do Departamento de Ciências Humanas da Uneb/Campus IV- Jacobina – Ba e alunos do curso de geografia do Programa de Formação de Professores em exercício do Plano Nacional de Professores da Educação básica – PARFOR, do Campus XXIV – Uneb, Departamento de Ciências de Humanas e Tecnologias, Xique-Xique-BA. A ideia foi concebida da articulação dos componentes curriculares: “Atividade de Campo”, “Aspectos Antropológicos da Análise Geográfica” e “Metodologia da Pesquisa em Geografia”, com o objetivo de levar os graduandos a compreenderem a contribuição da atividade de campo para o ensino e a pesquisa geográfica; identificar e interpretar as dimensões antropológicas mais ou menos distintas da realidade socioespacial e suas implicações para o meio ambiente; entender empiricamente a importância da pesquisa de campo, enquanto princípio educativo, necessário e fundamental para análise espacial aprofundada e rigorosa da relação sociedade natureza; e, utilizar diversos procedimentos técnicos.

A metodologia que norteou a realização deste trabalho contou com a abordagem dialética, através dos procedimentos da pesquisa-ação e os resultados obtidos demonstram a

¹ Este trabalho foi apresentado na modalidade de Espaço de Diálogos e Práticas (EDPs), no XVII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, em Belo Horizonte 22 A 28 de julho de 2012.

* Mestre em Educação e Contemporaneidade; Professora Assistente da UNEB-CAMPUS IV, Jacobina Ba. E-mail: jacy_bandeira@yahoo.com.br

** Professora Adjunta da UNEB-CAMPUS IV, Jacobina- Ba. E-mail: mguerra@uneb.br

relevância da reflexão crítica e contínua da relação teoriação-prática-reflexão-teoriação, conforme passamos a expor.

2 A PESQUISA DE CAMPO E A ANÁLISE ESPACIAL

A geografia enquanto ciência que estuda a interação homem natureza a partir da dimensão espacial tem na pesquisa de campo um instrumento significativo para a produção e reelaboração de seu conteúdo. A pesquisa de campo constitui-se numa atividade que acontece fora da universidade e possibilita a coleta de informações/dados diretamente da realidade. Lacoste (1985) aponta que a realização da pesquisa de campo no ensino de geografia contribui para:

- Superar o saber pretensamente neutro que os professores tem vinculado sob o rótulo de Geografia e a ideologia “mistificadora” presente nos trabalhos dos geógrafos;
- Articular teoria e prática, a partir da questão metodológica, pois no trabalho de campo os estudantes farão a aprendizagem do método materialista dialético de investigação.

O autor pontua que, para que, tais contribuições aconteçam é preciso construir o aporte teórico, o exercício da relação dialética entre prática e a teoria e vice-versa, ir além da pesquisa pura. Lacoste (1985), defende o materialismo dialético e o materialismo histórico como as ferramentas de trabalho do geógrafo, através das quais conhece-se a realidade para transformá-la.

Alem do método de investigação que norteará os procedimentos da investigação no trabalho de campo, é preciso selecionar os tipos de instrumentos e/ou técnicas que serão utilizados para a coleta dos dados, pois, para Venturi (2011, p. 17) “o domínio da técnica, não necessariamente instrumental, pode assegurar ao pesquisador maior confiabilidade e maior controle sobre os dados que irão subsidiar seus argumentos”.

Existem várias técnicas e/ou instrumentos que podem ser usados na pesquisa de campo, dentre eles destacamos as mais utilizadas na interpelação com os seres humanos que são: entrevistas, questionários, formulários, diário de campo, observação, etc. Venturi (2011) alerta que:

A valorização de técnicas e instrumentos mais simples ou tradicionais não ocorre aqui (...) em detrimento do moderno, do sofisticado; da mesma forma que o contrário não seria aceitável. Os instrumentos mais modernos tendem a apresentar maior alcance, rapidez e

precisão (...), características que podem ser absolutamente necessário ao estudo. (...) certos instrumentos sofisticados de pesquisa que são insubstituíveis pelo que proporcionam. É o caso, de imagens de radar ou satélite (...). Ainda que não promovam a integração in loco do observador com a natureza, proporcionam inigualável visão de conjunto, abstraindo e revelando aspectos ocultos, favorecendo a compreensão de diversos fenômenos, como a evolução de áreas urbanas, desmatamentos, fenômenos climáticos, entre muitos outros. (2011, p. 19)

Na perspectiva apontada pelo autor, tais instrumentos são relevantes, no entanto, precisam das técnicas mais tradicionais de interpelação dos sujeitos para elucidar dimensões que só serão compreensíveis, ouvindo os sujeitos. Frequentemente, são utilizados dois ou mais instrumentos, vai depender do tipo de dados que serão coletados (se são qualitativos, quantitativos, brutos ou produzidos), da relação custo benefício, assim como, do nível de conhecimento (escolaridade) do sujeito de pesquisa e dos objetivos que pretende alcançar com a atividade. Portanto, é essencial analisar as vantagens, desvantagens e limites de cada técnica e/ou instrumento para selecionar o mais indicado para cada investigação.

O uso de dois ou mais instrumento e/ou técnica de pesquisa, é uma ação muitas vezes imprescindível no trabalho de campo, uma vez que a realidade é fugidia e escapa a capacidade sensorial humana, pois são carregadas de filtros pessoais (acuidade visual e auditiva; investimentos afetivos positivos ou negativos em relação ao objeto ou ao lócus; imaginário; e, experiências pessoais) que direcionam o foco, a percepção e as representações construídas da realidade observada. Venturi (2011) aponta que:

O momento do trabalho de campo representa o contato imediato do cientista com a realidade, ainda que se possa fazer uso de instrumentos; é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação e interpretação (dois aspectos do mesmo processo, pois que observa é o sujeito, não seus órgãos sensoriais) instrumentalizadas ou não. O contato direto com a realidade em campo não significa que se tenha o mesmo controle dos processos que se pode ter em laboratório. No campo, o cientista está submetido às dinâmicas da realidade que elegeu estudar. (p. 18)

Outra questão que está premente na atividade de campo em geografia é a questão da definição da categoria de análise dos fenômenos que será utilizada. Segundo Cabral (2007), a análise geográfica depende cada vez mais do conhecimento acerca do significado e das possibilidades analíticas das categorias espaciais: paisagem, lugar, território. Para o autor, a geografia deve propiciar a utilização de “instrumentos analíticos comprometidos com a interpretação dos fundamentos e da complexidade da realidade socioespacial contemporânea”

(p. 143). Para Gomes (2002, p. 172 *apud* CABRAL, 2007) as características que definem “O espaço geográfico são: I) A extensão fisicamente constituída, concreta, material e substantiva; II) compõe-se pela dialética entre a disposição das coisas e as ações ou práticas sociais; III) a disposição das coisas materiais tem uma lógica ou coerência”.

Conforme Santos (1999, p. 18 *apud* CABRAL, 2007) o tratamento analítico do espaço geográfico pressupõe que “o espaço seja definido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações.” Os autores apontam que o desenvolvimento dos estudos a cerca do espaço geográfico deve assumir uma concepção de espaço que contemple simultaneamente a forma (material) e o conteúdo (social), isto é, “examinar o espaço como um texto onde formas são portadoras de significados e sentidos” (GOMES, 1997, p. 38 *apud* CABRAL, 2007).

Nessa perspectiva, elucidar as dimensões antropológicas mais ou menos distintas da realidade socioespacial e suas implicações para o meio e a sociedade, demanda na análise espacial a partir da articulação do visível com os elementos culturais, econômicos, políticos e da subjetividade humana.

3 O CONTEXTO: XIQUE-XIQUE - BAHIA

O campo da atividade foi Xique-Xique uma cidade Baiana, localizada no Baixo-Médio São Francisco à 587km de Salvador-Ba, em pleno semiárido baiano, margem direita do Rio São Francisco. Os dados do IBGE-Cidade (2010) apontam que a cidade tem 45 562 habitantes, com uma densidade de 8,03 hab/km². Sua configuração espacial tem uma paisagem marcada por planaltos e depressões, representada por solo cristalino, tabuleiros elaborados nas camadas sedimentares da Bacia do São Francisco e apresenta formações rochosas esculpidas pela natureza, e pela ação humana, pois as margens do rio São Francisco é uma área que foi intensamente explorada “quando da extração de madeira para as caldeiras dos barcos a vapor que faziam o transporte fluvial da região, o que levou a um empobrecimento da vegetação ribeirinha, além do processo erosivo e de assoreamento”(SILVA, et. al., 2004, p. 38)

Aziz Ab’Sáber (2006, p. 301) aponta que na “tradicional cidade sertaneja de Xique-Xique ocorre um grande campo de dunas quaternárias e fixas que documentam a ocorrência de climas e processos eólicos (...) feições elaboradas em um ambiente muito mais árido que os cenários climáticos e fitogeográficos hoje existentes”.

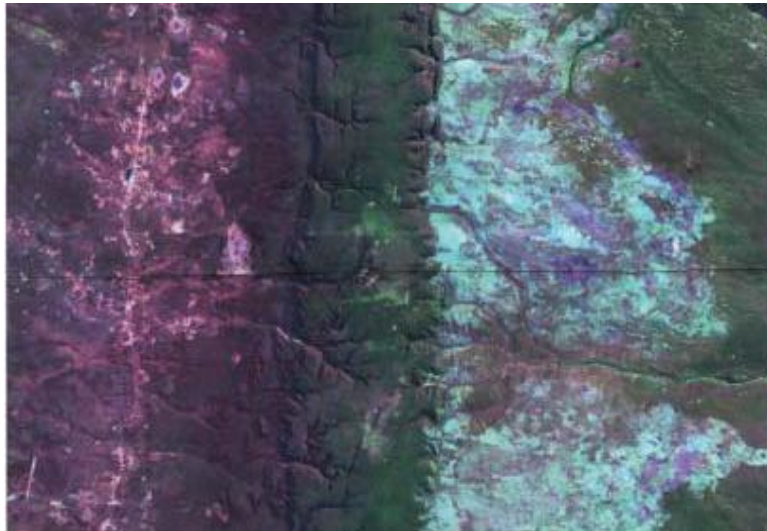


Figura 01: Imagem de Satélite das Áreas de Dunas continentais em Xique-Xique-Ba.
Fonte: Aziz Ab'Sáber, 2006.

Para Silva et. al (2004) são extensas formações de depósitos eólicos, cuja altura pode ultrapassar os 100 metros. Os solos, bastante arenosos, têm fertilidade natural muito baixa. A vegetação é de caatinga muito seca (hipexerófila). O clima é muito quente e semiárido, com precipitação anual em torno de 800mm. Aziz Ab'Sáber alerta que as imagens de satélites recentes sobre a região indicam que:

O ambiente perigoso de derruição progressiva a que o paleocampo de dunas está sujeito: lesões ao norte do frágil conjunto de dunas regionais, ampliação do uso inadequado dos pequenos vales que cruzam o paleodeserto quaternário (...) trilhas e anastomasadas de bode de irradiação progressiva no dorso das altas dunas fixadas por vegetação rasteiras homogênea. (AB'SÁBER, 2006, p. 3008)

Outro aspecto relevante que nos levaram a selecionar a cidade de Xique-Xique como campo para os trabalhos foi a sua proximidade com a Vila de Santo Inácio, distrito do município de Gentio do Ouro que faz limite com Xique-Xique. Além da diversidade e beleza das formações rochosas, o distrito de Santo Inácio, com cerca de 350 moradores é reconhecido nacionalmente por ter um dos sítios arqueológicos mais importantes da Bahia.

4 AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO TRABALHO DE CAMPO

A metodologia adotada no trabalho contemplou a ideia de que a atividade de campo, tanto no planejamento, como na execução deveria garantir a contextualização, a interdisciplinaridade e a análise espacial crítica e renovada. A constituição do trabalho aconteceu em cinco etapas. Na primeira etapa, os graduandos executaram uma pesquisa

bibliográfica sobre as categorias Atividade de Campo e Análise Espacial Renovada (Cabral, 2007) e produzindo o referencial teórico e metodológico.

Na segunda etapa, utilizando como elementos motivadores apontamos o ensaio científico de Ab'Sáber (*op. Cit.*) e a reportagem de Marcelo Bertoloti, sobre o vandalismo nos sítios arqueológicos brasileiro, ameaçando fazer desaparecer as pinturas rupestres e dando destaque a Vila de Santo Inácio, distrito de Gentio do Ouro-Ba, município vizinho a Xique-Xique.

Iniciamos as atividades fazendo uma leitura coletiva do material e levantando questionamentos sobre o que sabíamos - construção das hipóteses de trabalho; e, o que precisávamos saber – produção das questões norteadoras sobre o *locus* de investigação.

De posse das hipóteses e das questões norteadoras, orientamos os alunos para realizarem uma Pesquisa exploratória com o intuito de conhecer as peculiaridades do campo de investigação, obter as informações georeferenciadas (SIG) e compreender a dinâmica ambiental e socioespacial da microrregião de Xique-Xique, produziram a caracterização da área e a estruturação dos aspectos/dados que seriam coletados na atividade de campo.

Na terceira etapa, a execução da análise espacial, utilizamos os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas informais, registro fotográfico, filmagem e anotações no diário de campo.

Na primeira atividade, realizamos uma visita ao Mirante para visualizar as áreas de Dunas Continentais (figura nº02), depois exploramos a extensa vereda de buritizais que marcam o entorno da lagoa de Itaparica e a comunidade de pescadores que vivem na localidade.



Figura 02: Acesso ao mirante das áreas de dunas continentais
Fonte: Guerra. Trabalho de campo Xique-Xique, 2011.

Com nossa aproximação as pessoas da comunidade, no início mostraram-se receosos, mas após apresentação demonstraram boa vontade, falando sobre a vida na localidade. E os dados obtidos apontaram que 100% deles vivem da pesca e dos programas assistenciais do governo federal (bolsa família, aposentadorias).

O solo das veredas é arenoso e o principal elemento da flora são as palmeiras, com destaque para os buritizais. No retorno realizamos uma visita ao Parque Aquático Ponta das Pedras (PAPP). Segundo informações obtidas com os funcionários locais, toda a população da região frequenta as piscinas artificiais do parque durante os domingos. Do parque é possível ver o Rio São Francisco.

No segundo dia, iniciamos as atividades de campo, fazendo o reconhecimento do sítio urbano, observamos que as ruas, as avenidas e as calçadas são largas, o padrão arquitetônico das casas localizadas no centro demonstram que são de pessoas com maior poder aquisitivo. Nas áreas periféricas, embora as ruas sejam largas observamos esgotos a céu aberto e casas mais simples. No dia verificamos que a cidade estava bem movimentada, tanto de pedestres como de automóveis e ao questionamos os moradores estes afirmavam que era em virtude da feira-livre e do mercado do peixe que funcionavam no sábado.

Na feira-livre e no mercado municipal do peixe, entrevistamos consumidores, feirantes e pescadores. Observamos que apesar da diversidade de hortifrutigranjeiros, pouco é produzido no local, pois a maioria advém de Juazeiro e Irecê.

Constatamos o estado de degradação do mercado e de suas imediações é notório, inclusive na grande quantidade de boxe (repartições) fechados e sem condições de uso. Não identificamos nenhum tipo de cuidado sanitário ou de fiscalização do poder público. Além disso, na parte do rio que fica próximo a feira é grande o movimento de barcos, trazendo pessoas e mercadorias.

Na parte da tarde, fomos de barca navegar pelo rio São Francisco, observamos as margens intensamente exploradas e as marcas dos processos erosivos, assim como o assoreamento do rio. Dentre as ilhas visitadas, na Ilha do Miradouro, conversamos com os moradores e exploramos a igreja local, que se encontra bastante deteriorada. Os dados coletados no local apontam que a Igreja foi fundada no século XVII, e foi dali que surgiu a cidade de Xique-Xique, é só após o século XVIII, passou a para a margem direita do Rio.

No dia seguinte, contamos com uma equipe de arqueólogos que faziam um levantamento arqueológico em Santo Inácio e se dispuseram nos apresentar os resultados dos trabalhos que estavam realizando. Iniciamos as atividades nos deslocando para o distrito.

Tendo os arqueólogos como guias e um representante da comunidade, visitamos as formações rochosas e o sítio arqueológico.



Figura 03: Vista de Santo Inácio - Gentio do Ouro, Bahia
Fonte: Guerra. Trabalho de campo Xique-Xique, 2011.

No retorno a Xique-Xique no reunimos no Campus da Uneb, com os arqueólogos que fizeram uma apresentação de 2 horas, com o intuito de relatar o que é atividade de campo para os arqueólogos, quais os procedimentos utilizados, como catalogam as evidências, os princípios observados, e outras questões que suscitaram no transcorrer da apresentação.

Na quarta etapa, na sala de aula, os alunos sistematizaram e reconstruíram os dados coletados, no transcorrer da atividade de campo e produziram os relatos, através de pequenos vídeos, apresentações eletrônicas e painéis com os registros fotográficos, para apontar os resultados e inferências construídas. Na quinta etapa houve a realização de um Seminário para a comunidade acadêmica no campus IV da UNEB.

Os resultados obtidos na avaliação apontaram a satisfação dos discentes em ter participado das atividades e alegaram que foi uma forma de aprender a pesquisar pesquisando. Portanto, os objetivos propostos para a atividade foram plenamente alcançados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade desenvolvida teve como intuito inicial levar os graduandos a compreenderem a lógica do processo de investigação, através da atividade de campo, entendendo sua importância para a produção do conhecimento geográfico e para a docência.

Na realidade, foi uma forma de abordar os conteúdos dos três componentes curriculares de maneira dinâmica, prazerosa e articulando a teoria a prática.

Muitos foram os desafios, mas com luta conseguimos superar e os resultados demonstram que é possível (res)significar o fazer pedagógico de maneira que permita o educando interagir com o objeto de conhecimento, com a realidade e com os sujeitos que fazem parte desta, levando os graduandos a vivenciarem novas trilhas de aprendizagem em geografia.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz. O paleodeserto de Xique-Xique. In: **Estudos Avançados**, São Paulo: USP, 20 (56), 2006.

Bertoloti, Marcelo. Destruidores da história. In: **Revista Veja**. Disponível no site <http://veja.abril.com.br/050809/destruidores-historia-p-072.shtml>

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. In: **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, v. 41, n 1 e 2, p. 141 – 155, abril e outubro de 2007.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo; um problema político para pesquisadores, estudantes e cidadãos. São Paulo: **Seleção de Textos, Teoria e Método**, nº 11, p. 1-23, 1985.

SILVA, José Maria Cardoso; et. al. **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente: Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

VENTURI, Luis Antonio Bittar (org.) **Geografia: Práticas de campo, Laboratório e Sala de Aula**. São Paulo: Sarandi, 2011.

Texto recebido para avaliação em 25/09/12 e aceito para publicação em 26/11/12.